

AS LIGAÇÕES DO MESTRE ODILON COM CAMPINAS

Duílio BATTISTONI FILHO*

Não vou abordar aqui as atividades do Odilon como professor e escritor - pois todos sobejamente já as conhecem - e sim exaltar suas relações com Campinas

Embora tenha nascido em Piratininga, SP, ele viveu grande parte de sua infância em Campinas, pois aos quatro anos, seus pais o trouxeram para esta cidade e aqui viveu até os quatorze, realizando os estudos fundamentais e parte do grau médio. Nessa ocasião, ruas estiveram vinculadas à sua existência, como a Lusitana, Duque de Caxias e Antonio Cesarino, onde morou. Nas suas recordações, lembra-se muito bem do Bosque dos Jequitibás, do jardim da Casa de Saúde palco de suas brincadeiras de todas as tardes com seus companheiros de infância, da igreja protestante da rua Lusitana, frequentada pela família e em cujos salões, ao fundo, D. Brasília, a esposa do pastor o ensinou a ler, da Casa de Saúde Campinas onde sua mãe sofreu pertinaz doença, do Jardim Carlos Gomes em cujos bancos seu pai costumava bater papo com aqueles velhinhos bem sadios, à sombra daquelas frondosas árvores. Muito ligado à sua infância estava o Jardim Público da Praça Imprensa Fluminense, hoje totalmente descaracterizado depois de uma reforma, para dar lugar a um teatro. Para ele, todo esse espaço representa um momento de ternura, um lugar encantado da infância, que o adulto conservará sempre na lembrança.

Nessa ocasião, apesar de sua pouca idade, uma de suas preocupações era conhecer bem a cidade sempre em companhia do pai. Era um voyeur à cata de emoções. Certa

vez, quando transitava pela rua Hércules Florence, no bairro Botafogo, ficou interessado em saber quem tinha sido essa figura. Como ninguém sabia, logo despertou nele a curiosidade pelo francês, radicado em Campinas no século XIX e pai da fotografia. Tanto é verdade que, até hoje, Hércules Florence tem sido um dos seus ícones. Adolescente, juntamente com seu pai, gostava de levar algum parente ou amigo de fora ao velho viaduto sobre os trilhos da Paulista e dali fazê-lo descortinar um belo panorama, possível naquela época, quando Campinas ainda não possuía edifícios altos a impedir a visão do horizonte. O visitante contemplava daquele ponto, todo o Chapadão, com suas ruas já traçadas, mas ainda sem calçamento, ocupando toda a suave inclinação que ia dos trilhos da Mogiana até o alto do espigão, onde corre atualmente a avenida Francisco José de Camargo Andrade.

Certa vez, perambulando pelas ruas da cidade, sempre com o pai, parou encantado diante do edifício do Centro de Ciências, Letras e Artes, na rua Francisco Glicério. Perguntou ao pai que edifício era aquele e o pai respondeu que era uma casa de cultura e que mais tarde seu filho poderia usufruir todos os ensinamentos que dali saíam

Pouco antes da revolução de 1930, por circunstâncias várias, a família transferiu-se para outras cidades, como Bauru, Juiz de Fora, Uruguaiana, Rio de Janeiro, onde terminou os seus estudos de grau médio. Em São Paulo, concluiu seus estudos universitários e iniciou

* Duílio Battistoni Filho nasceu em Campinas, S.P. Lecionou durante muitos anos a disciplina História no magistério secundário e superior. Regeu também a disciplina "História da Arte" no Curso de Artes Visuais da Puc-Campinas, além de ser coordenador, por duas vezes, do Departamento de Educação Artística da mesma universidade. Atualmente é membro da Academia Campinense de Letras, da Academia Paulista de História e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Além de numerosos artigos e comentários críticos sobre Arte e História em revistas especializadas, é autor dos livros: "*Campinas, uma visão histórica*", "*Estudos campineiros*", "*Alguns aspectos da arquitetura urbana em Campinas*" e "*História das Artes no Brasil*".

a carreira do magistério. Deve-se ressaltar que, quando ainda estudante, sempre interessado por Campinas, publicou um de seus primeiros trabalhos, Capítulos da História colonial de Campinas, em forma de artigos no Diário do Povo, e depois reunidos em volume.

Depois de uma ausência de muitos anos e fechando um ciclo de longa peregrinação, Odilon retoma a Campinas, em 1958, convidado pelo então reitor da Universidade Católica de Campinas, monsenhor Salim, para reger a cadeira de História do Brasil. Nessa universidade, exerceu uma atividade cultural muito intensa: ministrou cursos de extensão universitária, organizou diversas semanas de estudos históricos e dois Congressos de História. Sua dedicação à universidade era tamanha que, em janeiro de 1972 trouxe a esposa, d. Lourdes, e aqui se fixam, morando inicialmente na rua Conceição, no Edifício Agulhas Negras. Integrando-se totalmente à cidade, foi chamado pela Prefeitura Municipal para fazer parte de uma comissão encarregada de dar nome às ruas não emplacadas de Campinas.

Não satisfeito somente em lecionar, mas afeito à pesquisa, fundou em 1969, a revista Notícia Bibliográfica e Histórica, contando com a colaboração de estudiosos da História. Essa revista resiste até os nossos dias, com mais de 198 números publicados. Inseridas nela são as antologias sobre Campinas e Carlos Gomes, de modo clean e de forma totalmente sem dolo. É um verdadeiro milagre, porque no Brasil, infelizmente, revistas culturais têm fôlego curto. É um empreendimento de entusiasmo de um coração generoso, de uma alma convicta que merece palmas de admiração. O sucesso tem sido além das nuvens. Nesse mesmo ano a Puc realizava o V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História que vinculou o nome de nossa Universidade e, conseqüentemente o da própria cidade, à bibliografia histórica brasileira. Pelo pátio dos leões e pelo jardim interno do velho solar do Barão de Itapura, espalhavam-se os simposiastas, como nos dias normais espalhavam-se os alunos. Tevê grande repercussão nos meios acadêmicos o trabalho do Odilon: Breve relatório sobre arrolamento de fontes primárias na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas.

Sentindo uma certa deficiência na biblioteca de História da universidade, doou sua biblioteca particular, constante de mais de cinco mil volumes. Aliás, essa doação foi feita para que constituísse o núcleo inicial da biblioteca do Departamento de História, biblioteca essa que, por solicitação dos alunos, recebeu o seu nome. Chama-se hoje Biblioteca Professor Odilon Nogueira de Matos.

Em sessão especial, realizada no salão nobre do Jôquei Clube Campineiro, no dia 22 de outubro de 1973, Odilon foi solenemente recebido na Academia Campinense de Letras, a fim de ocupar a cadeira nº 5, que tem por patrono João Lourenço Rodrigues. Foi recebido pelo também acadêmico Hilton Federici, que, na ocasião, escreveu um brilhante discurso.

Entretanto, Odilon não era somente professor e acadêmico. O que nos chama a atenção é a sua grande generosidade e amor ao próximo. As honrarias foram muitas como a medalha Carlos Gomes, o título de cidadão campineiro e os diplomas de mérito.

Os convites para tornar-se membro de Academias famosas, aqui e no estrangeiro, não lhe alteraram a simplicidade de hábitos. Tive o privilégio de ser seu aluno no Curso de História. E sei a que ponto os de minha turma admiravam e respeitavam o mestre. Procurava nos dar uma bibliografia atualizada e enaltecer uma História que levasse em conta o espírito do tempo, sem cuja compreensão qualquer juízo histórico seria falso. Sou-lhe grato por me receber na Academia Paulista de História ele que sempre me incentivou a entrar naquele sodalício. O professor, já dizia o educador José Vieira de Vasconcelos, deve colocar em mãos do discípulo não só uma régua e um compasso, mas sim uma lanterna e uma bússola, para que ele possa continuar, por sua conta e sem tropeços, sua caminhada no mundo do saber e do atuar.

Outra faceta de sua personalidade era o entusiasmo com que contava causos engraçados nas aulas, como também nas mesas de café. Lembro-me bem das nossas reuniões aos sábados de manhã, no Bar e Restaurante Giovanetti, em companhia de amigos, cujas conversas eram regadas por um bom chopp, um bom pastel e um pão de queijo, seu preferido. Os assuntos eram os mais variados, desde História...até futebol.

Ao gozar dos privilégios da aposentadoria, mas não vencido, mestre Odilon se dedica à releitura dos velhos clássicos da História, à música clássica e a uma de suas paixões: palavras cruzadas.

Para terminar, sem favor algum, o professor Odilon, nesses seus noventa anos, é motivo de orgulho para todos nós. Faz parte daqueles historiadores que, como ele, são os faróis na tempestade, os sinalizadores de tempos melhores, os semeadores de esperança. Bem tinha razão o acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho em denominá-lo cidadão do mundo.